

# Multi

Janeiro, 2006

**UNIP**

UNIVERSIDADE PAULISTA

## informações

### Nesta edição

- **Presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim: Estrutura do Poder Legislativo**
- **Ministro Gilmar Mendes: Remédios Constitucionais**
- **Aldo Rebelo: O Poder Legislativo**
- **Ruy Ohtake: Arquitetura contemporânea brasileira**
- **Alunos ganham prêmio na Bienal Internacional de Arquitetura**
- **Delfim Netto: Conjuntura Econômica – perspectivas para 2006**
- **Augusto Nunes: O que a imprensa não conta**
- **Alunos participam do Desafio Fórmula SAE**







# Multi

## informações

### Ex-aluna de Odontologia recebe importante premiação

Tatiana Costa Ribeiro, ex-aluna do curso de Odontologia da UNIP, foi destaque no jornal *AlphaTamboré* em uma notícia sobre a premiação concedida no concurso *Galeria do Sorriso*, evento realizado pela Sociedade Brasileira de Odontologia Estética (SBOE), que reúne os principais especialistas do País e autoridades internacionais.

Tatiana Ribeiro foi responsável pelo desenvolvimento de um interessante trabalho na área odontológica.

Reproduzimos a seguir matéria publicada no jornal *AlphaTamboré*, Ano 16, Edição 155 – 2005: Arquitera de sorrisos.

*Responsável por belas mudanças de sorrisos em Alphaville, a dentista Tatiana Costa Ribeiro tem feito história na Sociedade Brasileira de Odontologia Estética.*

*Tendo estudado com o professor Newton Fahl, referência mundial na*



Tatiana Costa Ribeiro ao lado do Dr. José Geraldo Malagutti

*área de odontologia estética e que integra o corpo editorial das principais revistas científicas americanas, a Dra. Tatiana Ribeiro vem realizando um dos mais interessantes trabalhos dentro desta área.*

*Seus significativos resultados lhe renderam a premiação no evento Galeria do Sorriso, da Sociedade Brasileira de Odontologia Estética (SBOE), um dos eventos mais importantes da área no Brasil.*

*(...) A Galeria do Sorriso é composta pelos 20 melhores casos clínicos apresentados por profissionais membros da SBOE, e os três mais votados pelos palestrantes convidados são premiados. A Dra. Tatiana Ribeiro ficou entre os dois primeiros colocados. (...)*

*O caso apresentado pela dentista surpreendeu a todos pela precisão de detalhes e por sua habilidade. "Com a evolução da odontologia estética, por meio de um conhecimento profundo, planejamento bem elaborado e certo senso artístico podemos melhorar ou devolver um sorriso agradável e natural aos nossos pacientes", declarou a Dra. Tatiana.*

*Morando e trabalhando em Alphaville, a dentista Tatiana Costa Ribeiro está trilhando uma carreira de sucesso. Recentemente participou do Congresso Pursuit of Masters Excellence em San Diego. Depois seguiu para Atlanta onde conheceu a maior Clínica de Odontologia dos Estados Unidos chefiada pelo Dr. Ronald E. Goldstein. ■*

### Best-seller da Nova Science Publishers tem autoria de professores da UNIP

O livro *Progress in Electrochemistry Research*, publicado em abril de 2005, ocupa, nos últimos oito meses, alternadamente as duas primeiras posições da lista de *best-sellers* da editora *Nova Science Publishers*, Inc.

A *Nova Science* é uma editora conceituada no mundo acadêmico e é líder em publicações de livros e periódicos científicos. A editora publica cerca de 175 livros por ano e 30 títulos de periódicos científicos. Localizada em Huntington (Nova York, Estados Unidos), é especializada em temas econômicos e das ciências físicas.

A eletroquímica, tema do livro, é

um ramo da Química que trata da ação química da aplicação de energia elétrica e da eletricidade gerada pelas reações químicas. No mundo são poucas as fontes de energia e estas poucas fontes de energia são amplamente usadas. A eletroquímica é um componente crítico do *mix* necessário para manter a economia mundial em desenvolvimento. Os conceitos eletroquímicos são necessários em importantes aplicações, como baterias, células a combustível, estudos de corrosão, conversão de energia por hidrogênio e bioeletricidade. Pesquisa sobre eletrólitos, células eletroquímicas e

eletrodos são temas antigos em Ciência e são, na atualidade, campos de estudo extremamente dinâmicos.

O primeiro capítulo do livro, intitulado *The Versatile Carbon Paraffin Electrodes (CPjEs): Applications from Natural Minerals to Fuel Cell Catalysts*, é de autoria dos professores Cecília M.V. B. Almeida, Silvia H. Bonilla e Biagio F. Giannetti, da Universidade Paulista. Os pesquisadores da UNIP desenvolvem suas atividades acadêmicas no Laboratório de Físico-Química Teórica e Aplicada (LaFTA), situado no *campus* Indianópolis e implementado com recursos da UNIP

e da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). O Grupo de Pesquisa do LaFTA, registrado oficialmente no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1995, realiza estudos que se destacam pela contribuição tecnológica e pela integração da pesquisa e da formação de recursos humanos. Realiza, também, atividades ligadas ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção em linhas de pesquisa que tratam de Produção Mais Limpa e Ecologia Industrial. ■





# Multi

## opiniões

### Estrutura do Poder Legislativo

A UNIP recebeu, no dia 25 de novembro, o ministro Nelson Jobim, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), que proferiu palestra sobre *Estrutura do Poder Legislativo* para alunos e professores que buscaram informações e conceitos sobre a situação do Legislativo.

O reitor da UNIP, Dr. João Carlos Di Genio, fez a apresentação ressaltando a influência do pai e do avô do ministro Nelson Jobim em sua formação advocatícia. Referiu-se ao começo de sua vida pública como advogado no Rio Grande do Sul, tendo sido membro da Assembléia Nacional Constituinte, que elaborou a atual Constituição, na qual teve destacada contribuição.

Segundo o ministro Nelson Jobim, “o Poder Legislativo começou no Império. José Bonifácio foi o primeiro deputado. Em 1824 foram instituídos a Câmara dos Deputados e o Senado que, juntos, formaram a Assembléia Geral, atual Congresso. Reuniram-se pela primeira vez como Assembléia Geral somente em 1830, e muitas vezes funcionaram como unicameral”.

Cada província tinha metade de senadores em relação ao número de deputados. A disputa política era grande e as duas Casas ficavam razoavelmente no mesmo nível.

Com a República, a Constituição de 1891 previa que cada Estado tinha no mínimo quatro deputados, com mandato de três anos, na Câmara de Deputados; passando disso, a cada 70 mil habitantes, seria acrescentado um deputado. Não havia número máximo de deputados.

Os senadores eram eleitos por nove anos. Um terço do Senado era substituído a cada três anos, o que dava uma composição estável de 2/3 no Senado.

Esse critério se manteve até 1934. O mínimo era de quatro deputados por 150 mil habitantes, e a cada 250 mil habitantes se incluía mais um deputado.

Em 1946 havia um mínimo de sete deputados. Com a extinção dos partidos políticos em 1964, resultado do golpe militar, ficaram apenas dois: MDB e Arena. Acabou o mínimo de deputados. Cada Estado teria direito a um deputado a cada 300 mil habitantes, chegando ao máximo de 25 deputados. A divisão era 25 mais um deputado a cada 500 mil habitantes. Em 1967, 25 mais um deputado a cada um milhão de habitantes. Em 1977 passou-se a 420 deputados, o número máximo, pela primeira vez.

Os Estados mais populosos têm direito a 55 deputados em 1976, e os menos populosos, a seis deputados. A oposição sai vencedora e o MDB elege governadores, deputados etc. Em 1982 muda-se o cálculo novamente: Estado passa de seis para oito deputados e o máximo passa de 55 para 60. Em junho de 1982, com a reforma, exige-se maioria de 2/3.

Em 1988, muda de 60 para 70; em 1990, o total é 503 deputados e para cada Estado o mínimo de oito, máximo de 60; em 1994, o total era de 513, e continua assim até hoje.

Em 1977 elegiam-se três senadores, o suplente dos senadores era

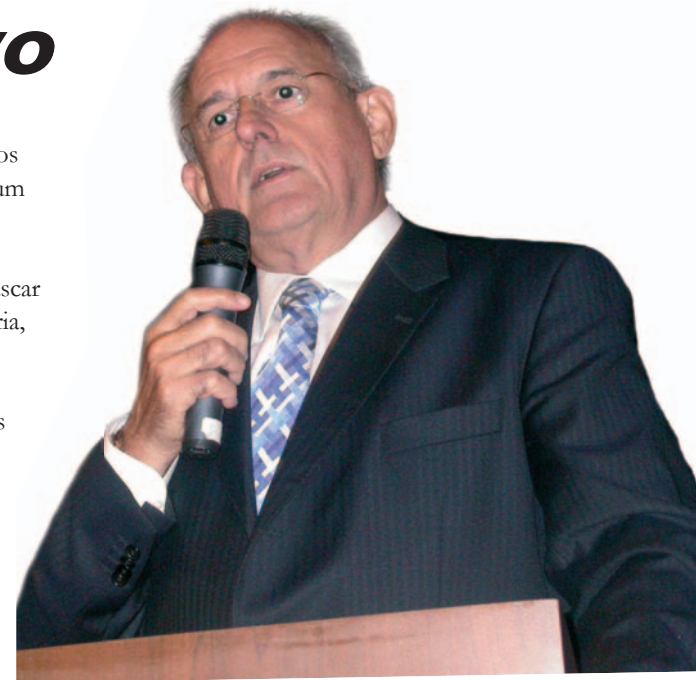
o do senador mais votado após os três; hoje cada senador escolhe um suplente.

O enfraquecimento dos partidos se dá exatamente por buscar candidatos sem afinidade partidária, pois a variedade de candidatos regionais, sindicais, religiosos etc. ocasiona a ausência de candidatos que falem o que o partido pensa.

“Nós podemos ter um sistema bicameral brasileiro. O processo inicia-se na Câmara, e se aprovado vai para o Senado. No Senado pode-se aprovar ou pode ocorrer, também, um substitutivo ao texto. Vota-se o substitutivo do Senado na Câmara e vai novamente para o Senado; após a aprovação do substitutivo vai para a sanção. A Câmara é mais poderosa que o Senado”, diz Nelson Jobim.

“Não há um bicameralismo de igualdade. Não temos um sistema partidário consistente. São problemas institucionais que temos de analisar: falta de consistência partidária.”

O processo democrático avança, os modelos funcionam ou não, e vão se esgotando, surgindo novos. O de 1932 está superado, o de 1961 há 45 anos elegeu Jânio Quadros com 21% da população votando; em 2002 foram 67% da população votando na eleição. Hoje existe a personalização da política, o que resulta em uma enorme inconsistência dos partidos. As eleições se fazem por coligações na perspectiva de votos aos candidatos, mas a coligação não sustenta a governabilidade do eleito. Como



Presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim

*“Não temos um sistema partidário consistente. São problemas institucionais que temos de analisar: falta de consistência partidária”*

compor o Congresso para governar? Quando não dá resultados, não é culpa dos personagens, mas é preciso mudar as regras do jogo.

Finalizando, Nelson Jobim afirma: “Herói é aquele que não teve tempo de fugir”, defendendo que as mudanças devem ser urgentes. ■



### Ministro Gilmar Mendes fala sobre *Remédios Constitucionais*



Ministro Gilmar Mendes

O Congresso Brasileiro de Atualização Profissional – 2005 contou com o tema *Remédios Constitucionais – As garantias constantes no texto constitucional*, na palestra que integrou corpo docente, corpo docente e coordenadoria em um mesmo evento.

*“A Constituição de 1964 preserva o habeas corpus, mas o Ato Institucional nº 5, de 1968, suspende essa garantia, permitindo a prisão indiscriminada das pessoas”*

O ministro Gilmar Mendes considera que a Constituição de 1988 deu um alto grau de estabilidade à democracia brasileira, talvez o período mais longo do modelo republicano. A Constituição de 1934 não durou três anos, a de 1937 estava dentro da era ditatorial, a de 1945 enfrentou insurreição e acabou em 1964.

Garantias consolidadas com a Constituição de 1988 são os chamados remédios constitucionais: *habeas corpus*, parte das garantias individuais. O que adianta haver direitos fundamentais se não podem ser usados em períodos de crise?

Para preservar a independência judicial temos que destacar o primeiro instrumento dos direitos fundamentais – *habeas corpus* e a doutrina brasileira do *habeas corpus*.

Em 1926 há a primeira reforma constitucional da lei de 1891, com a proteção do *habeas corpus*, o direito de ir

e vir, mas em 1891 a doutrina brasileira do *habeas corpus* previa não só o direito de ir e vir, mas também todas as demais liberdades.

Em 1934 é criado o mandado de segurança para sanar lesões que não podem ser sanadas pelo *habeas corpus*. Essas duas garantias têm sido vitais para o direito da cidadania.

A Constituição de 1964 preserva o *habeas corpus*, mas o Ato Institucional nº 5, de 1968, suspende essa garantia do *habeas corpus*, permitindo a prisão indiscriminada das pessoas, sem informar aos órgãos competentes.

A Constituição de 1988 recupera os direitos e garantias individuais com *habeas corpus*, mandado de segurança e mais duas garantias: *habeas-data* e mandado de injunção. Portanto, ao lado daquelas duas garantias – o *habeas corpus* e o mandado de segurança –, são criados o mandado de injunção e o *habeas-data* para assegurar o conhecimento de dados de documentos que tenham informações errôneas ou indevidas sobre uma pessoa.

A Constituição tratou também da instituição do mandado de segurança coletivo, permitindo que partidos políticos, associações e entidades manejem o mandado de segurança coletivo no interesse dos seus associados. Essa medida constitui, portanto, uma proteção transcendente às posições meramente subjetivas, o que levou o Supremo Tribunal Federal a admitir também a existência do mandado de injunção coletivo.

“O mandado de injunção foi promulgado em 1989/90. A doutrina brasileira diz que o mandado de injunção deve servir para dar provimento

concreto e assumir posição de legislador positivo. Outros dizem que terá que ser mais amplo, terá que fazer uma legislação mais ampla, ou talvez até uma legislação provisória para regular essa situação”, diz o ministro Gilmar Mendes.

Indagado sobre essa questão, o ministro respondeu que não. “O mandado de injunção só permitiria ao Judiciário advertir o responsável pela omissão legislativa ou normativa. Essa discussão chegou ao STF – Supremo Tribunal Federal, como não poderia deixar de ser, e o STF entendeu inicialmente que não poderia substituir-se ao legislador. Essa é a sua tarefa básica, não se substituir ao legislador, nem lhe faria advertência e comunicar ao legislador que havia uma omissão.”

Mais tarde o próprio STF concluiu que poderia tirar da Constituição a concretização de determinados direitos, como, por exemplo, o artigo 8º, que previa anistia aos prejudicados pelas ações políticas do governo militar. O STF entendeu que essas pessoas poderiam desde logo recorrer para a fixação do *quantum* no âmbito da Justiça comum.

A Constituição, no seu artigo 7º, inciso 34, diz que o salário mínimo fixado nacionalmente deveria ser suficiente para prover as necessidades básicas ao trabalhador e sua família e também permitir o lazer. Essa e outras questões estão na Constituição como: assistência aos desvalidos, aos idosos e aos deficientes. A Constituição assegura esse direito. Caso isso não ocorra, pode-se manejar o mandado de injunção? Com que provimento busca-se no âmbito judicial? Essas perguntas até hoje estão sem resposta. ■

### Aldo Rebelo: *O Poder Legislativo*

O presidente da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo Figueiredo, do PC do B, participou no dia 4 de novembro do *Congresso de Atualização Profissional – 2005*, realizado pela UNIP, no teatro do *campus* Paraíso. No teatro lotado por alunos e professores, a palestra *O Poder Legislativo* foi assistida e transmitida também, via *TV Web*, para outros *campi* da Universidade, com mediação da jornalista Cristiana Lobo, da *Globo News*.

O reitor da UNIP, Dr. João Carlos Di Genio, fez a apresentação de Aldo Rebelo destacando que sua carreira política, desde o movimento estudantil, é marcada pela luta por justiça social e contra a opressão. Aldo Rebelo foi secretário-geral e depois presidente da UNE – União Nacional dos Estudantes, em um período em que a entidade era vítima da repressão ditatorial. Na vida política está em seu quarto mandato de deputado federal, depois de ter iniciado a vida parlamentar em 1988 como vereador de São Paulo. Na Câmara Federal foi líder de seu partido, o Partido Comunista do Brasil, e líder do governo. No Executivo serviu como ministro de Estado, da Secretaria de Comunicação Política e Relações Institucionais da Presidência da República.

O presidente da Câmara, Aldo Rebelo, inicia sua exposição falando da crise, das CPIs, das CPMIs, que funcionam na Câmara e no Senado, que vão da pirataria ao mensalão. “A crise submete o Poder Legislativo e a Câmara dos Deputados a um escrutínio, a uma exposição e a uma transparência que poucas instituições conhecem no Brasil.”

O presidente Aldo Rebelo considera que esses julgamentos, investigações e denúncias revelam um paradoxo do Poder Legislativo do nosso país e da representação democrática do povo brasileiro, que é a Câmara dos Deputados. “E esse paradoxo e essa contradição expõem de um lado as mazelas, os defeitos, as imperfeições, as deformidades desse poder e, do outro lado, a sua capacidade de se auto-investigar, de revelar as suas deformações e de punir, como aconteceu em outros episódios, os responsáveis pelos desvios e pelos deslizos que nós chamamos de quebra do decoro parlamentar. Julgados pelos próprios colegas, julgados pelos próprios parlamentares, os deputados acusados vão ser em alguns casos, naturalmente segundo o julgamento desse colegiado de 512 membros, cassados como já foram muitos em muitos episódios.”

O deputado narrou um fato contado por Hegel, quando Napoleão conversou com o poeta alemão Goethe, que lhe perguntou: “Qual é a diferença que o senhor vê entre a tragédia moderna e a tragédia dos gregos?”. Ao que Napoleão respondeu: “A tragédia grega, a tragédia antiga, a tragédia dos persas estavam fora do controle dos homens porque os homens transferiam para os deuses seu destino”.

Isso mudou com Roma, com a República, com a criação da política, pois quando o homem criou a política, subtraiu dos deuses a soberania sobre seu destino. E ao subtrair dos deuses começou a pagar o preço. Os humanos conheceram a tragédia, como o assassinio de Júlio César, e o próprio Napoleão

Bonaparte conheceu depois a morte no desterro em Santa Helena.

Política é destino, política é tragédia.

Um sociólogo americano que visitava o Brasil no período da exceção, no regime militar, afirmou que o País vive na ditadura, “mas não tem país mais preparado para a democracia”. Ele falava dos valores mais profundos que constroem a democracia, entre os valores que constroem a democracia estão os valores da tolerância, da convivência com a diferença.

O Brasil é um país de mamelucos, um país de cruzamentos raciais, porque o primeiro português que chegou aqui, diferentemente do colonizador americano, ingleses e irlandeses, veio sozinho e se misturou com as índias. Conta um historiador que João Ramalho teve 500 filhos com as índias que resultaram nos primeiros paulistas. A formação da

*“A crise submete o Poder Legislativo e a Câmara dos Deputados a um escrutínio, a uma exposição e a uma transparência que poucas instituições conhecem no Brasil”*

identidade brasileira se dá na mistura das três raças: índio, negro e branco, com suas culturas diferenciadas.

“O desafio de construir e superar essas dificuldades é um desafio político, intelectual e econômico”, finalizou o palestrante. ■



Presidente da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo





# Multi

## opiniões

### Ruy Ohtake e a *Arquitetura contemporânea brasileira*



Ruy Ohtake

Ruy Ohtake, ainda como estudante de Arquitetura da USP, foi até o Rio de Janeiro conhecer o grande arquiteto Oscar Niemeyer, considerado o papa da arquitetura. Ruy esperou o dia inteiro e, às sete horas da tarde, recebeu um convite para jantar. Foi uma de suas maiores alegrias naquele tempo.

Por isso, Ruy Ohtake reconhece que é importante dialogar com os futuros arquitetos e passar um pouco de sua experiência. Escolheu o tema *Arquitetura contemporânea brasileira* para participar do *Congresso Brasileiro de Atualização Profissional – 2005*, realizado dia 10 de novembro no Teatro UNIP, campus Indianópolis.

Dentro do tema *Arquitetura contemporânea brasileira*, Ruy Ohtake destacou toda a gama de trabalho que se pode fazer. “Nós vivemos em uma cidade com 25 milhões de habitantes, São Paulo, que tem um desajuste social

muito grande. Há desde um núcleo de alto poder aquisitivo até a borda da cidade, a zona periférica, com uma população muito carente, vivendo em favelas. Nosso trabalho vai do Hotel Unique, passando pela classe média, classe média baixa, até a favela de Heliópolis. Eu tenho atuado na favela de Heliópolis que é hoje a maior favela de São Paulo.”

Ruy Ohtake considera que toda essa experiência com o Hotel Unique e a favela de Heliópolis deve ser contada aos estudantes e discutida com os arquitetos. E se propôs a discutir a arquitetura sem esquecer a ética e a dignidade e sem abrir mão do desenho e do projeto da estética e da qualidade.

Ruy Ohtake possui diversas obras importantes, entre elas: Parque Ecológico Tietê, São Paulo; Parque Ecológico, em Indaiatuba; Embaixada Brasileira, em Tóquio;

Central Telefônica, em Campos do Jordão, São Paulo; Centro Cultural de Palmital; Pavilhão do Brasil, em Osaka; Agência Bancária do Banespa, em Goiânia; Cartório da Cidade de Itanhaém; Edifício Berrini 500; Hotel *Renaissance*, em São Paulo; Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo; Centro Cultural Adamastor, em Guarulhos (antiga fábrica restaurada); CDHU, em São Paulo; O menino e o mar, pavilhão de tijolo pintado de branco, em Ubatuba, São Paulo; Creches, em São Paulo, na periferia; Edifício Santa Catarina, na avenida Paulista, em São Paulo, ainda em construção, com término previsto para 2006; Santuário Mãe de Deus, do Padre Marcelo Rossi, também em construção. Há ainda o Centro Comunitário do Rio das Ostras, no Rio de Janeiro, o Palácio de Cristal, em São Paulo, e o Estádio do Gama, em Brasília.

O Hotel Unique, na avenida Brigadeiro Luiz Antônio, possui entrada pelas laterais, representando dois vazios urbanos surgidos da inversão do arco. Placas de cobre esverdeadas cobrem a fachada do hotel. Janelas e revestimento de concreto são feitas de forma contemporânea. Possui um vão com 25 metros de altura. Madeira também foi usada no acabamento dos apartamentos. A forma externa e o espaço interno bem como o corredor são também sinuosos. A piscina no último andar é um tanque de madeira com pastilhas vermelhas.

A Revista *Condé Nast* apresenta uma reportagem, “As novas maravilhas do mundo”, na qual está destacado o

Hotel Unique entre as sete obras mais importantes. Destacam-se também um pequeno *shopping* no interior da Inglaterra, Centro Cultural na Áustria, uma igreja em Roma, e a Loja Prada, de Herzog e de Meuron, em Tóquio.

“O arquiteto tem de se aprimorar e criar dentro do espírito contemporâneo”, afirma Ruy Ohtake, que concluiu falando sobre seu projeto em Heliópolis, a maior favela de São Paulo, com 120 mil moradores, na região sudeste, próximo da saída para São Caetano do Sul. Iniciada em 1970, a favela cresceu e seus moradores pediram ajuda a Ruy Ohtake para dar uma identidade cultural a Heliópolis e torná-la mais bela. Ele selecionou duas ruas, discutiu as cores com cada morador, e a pintura ficou a cargo de pessoas com algum conhecimento no ramo. As tintas foram doadas pela Suvinil. Foi feita uma pintura *dégradé* com tratamento cromático nas casas. O ministro Gilberto Gil e o presidente Lula visitaram a favela.

Além da pintura nas 278 casas, foi combinada a construção de uma biblioteca. José Castilho Marques Neto, diretor da biblioteca Mário de Andrade e editor da Editora Unesp, doou uma lista de mil livros para o acervo da biblioteca. Um espaço para Arte e Educação, onde os alunos se expressam por meio de desenhos, pinturas e visitas a espaços culturais e filmes para o aprendizado, também foi projetado. Um galpão será o Centro Cultural de Heliópolis. Um cinema de 120 lugares, previsto para ser inaugurado em fevereiro, e uma feirinha completam o projeto de urbanização da favela de Heliópolis. ■



### Alunos de Arquitetura saem premiados da Bienal

Manaus é, igualmente a outras metrópoles, uma cidade de contrastes. Lá sobrevivem a minoria rica e a maioria pobre. Lutam entre si as casas de madeira e as de alvenaria. Evidencia-se a necessidade de expansão, que não invade de todo a floresta, mas permeia sua divisa. “Manaus nega toda a natureza que a envolve. Com suas grandes vias, com torres altas, com asfalto, com concreto e com casas de alvenaria, a cidade consolidou-se com a idéia de que tudo isso significa civilização, importando modelos que nada têm a ver com sua realidade”, explica o professor do curso de Arquitetura da UNIP de Manaus, Rodrigo Capelato.

Para expor esses e outros aspectos da arquitetura da capital amazonense, 20 alunos daquele *campus* foram selecionados a participar da 6ª *Bienal Internacional de Arquitetura* (BIA), realizada em São Paulo, onde foram premiados com menção honrosa pelo excelente trabalho sobre o tema *Viver na Cidade. Realidade – Arquitetura – Utopia*. Segundo a coordenadora-geral dos cursos de Arquitetura da UNIP, professora Ana Elena Salvi, esse prêmio materializa o sonho dos educadores e dos alunos de uma arquitetura justa e democrática, que respeite, acima de tudo, as peculiaridades de cada região.

#### O projeto em Manaus...

Os alunos de Manaus, orientados pelo professor Rodrigo Capelato, desenvolveram seu trabalho, intitulado *Buritit, Bacabas e Patuás*, com base e foco no bairro União da Vitória: uma área da periferia da cidade, consolidada a partir

de uma ocupação, e tendo ao fundo um charco formado por dois igarapés.

Pela própria determinação da legislação, as habitações não seriam assentadas no charco. Nele, respeitando-se uma faixa de 30 metros de cada lado dos rios, apareceria um grande parque. As habitações ocupariam nas imediações quatro grandes quadras com casas térreas. Uma vila de palafitas, elevadas até o último nível da enchente, complementaria o projeto, que prima pela qualidade arquitetônica ao trazer a madeira de volta.

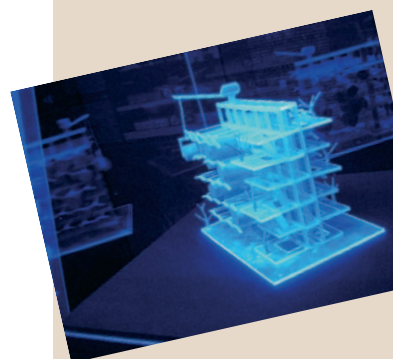
Para transformar o que era simplesmente idéia em algo concreto, os estudantes primeiramente diagnosticaram o bairro e, de posse dos dados, ficaram certos de que habitações bem planejadas, associadas aos equipamentos urbanos proporcionados pelo projeto, como escola, creche, posto médico, mercado municipal, terminal de ônibus, parques, entre outros, trariam qualidade de vida à população local, modificando um espaço aparentemente inóspito em um lugar digno de viver.

“Este prêmio confirma um prestígio em três escalas distintas: para a Universidade Paulista que, juntamente com o nosso corpo docente, está trilhando um caminho consistente na formação de nossos alunos; para o Estado do Amazonas, que conseguiu romper suas fronteiras e se mostrar com uma significativa formação e produção arquitetônica e, principalmente, para a cidade de Manaus que será palco e cenário para o exercício profissional desses futuros arquitetos”, conclui Ana Elena Salvi. ■



Projeto *Buritit, Bacabas e Patuás* premiado na Bienal

#### *Campus* Indianópolis também marca presença na Bienal



Os alunos do curso de Arquitetura do *campus* Indianópolis foram selecionados por um rigoroso júri para expor seus trabalhos na 6ª *Bienal Internacional de Arquitetura*.

Com uma proposta diferenciada, sob a orientação do professor Roberto Yokota, os futuros arquitetos propuseram uma intervenção próxima ao Córrego Águas Espriadas, zona sul paulistana.



A proposta foi erguer edifícios habitacionais baseados em um sistema de estruturas desmontáveis – a megaestrutura. Para isso, fizeram análises de diagnósticos e desenhos para pôr em pé, em forma de maquete, o sonho da Arquitetura voltada ao social, contemplando áreas de esporte e de recreação, escolas, centros culturais etc. ■





Delfim Netto

## Conjuntura Econômica – perspectivas para 2006

O Brasil precisa retomar seu crescimento econômico: diminuir os gastos do governo, transferir renda para o setor privado, manter um superávit primário que seja capaz de garantir a queda da dívida pública em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), estimular as exportações e, por excelência, aumentar o nível de emprego. Essas são algumas das condições essenciais para o desenvolvimento.

Afirmar com tal teor de pragmatismo foi proferida por quem muito entende da ciência econômica, como o professor, economista e deputado federal Antônio Delfim Netto, que esteve em conferência na UNIP, *campus* Chácara Santo Antônio, em 7 de novembro, para abordar o tema *Conjuntura Econômica – perspectivas para 2006*.

Delfim Netto iniciou sua palestra fazendo uma retrospectiva da situação econômica brasileira. Preferiu enfatizar a década de 1950 até a de 1980, quando o Brasil estampava um crescimento anual que beirava os 6,5% – esse percentual pode ser comparável com o crescimento da Ásia hoje, mas despencou no período de 1986 a

1994 para 2,3%. De 1994 a 2005 a situação pouco se alterou: 2,5% em relação ao PIB. “Por volta de 1950 a 1980, a população brasileira crescia a 2,4% ao ano e o PIB, a 6,5%. Com isso, o *Produto Per Capita* (aquilo que é produzido por brasileiro) crescia a 4% ao ano. Em termos práticos, dou um exemplo de um pai que, quando via seu filho de 18 anos entrando na universidade, via também sua renda dobrada”, explica Delfim Netto.

Com a queda do crescimento para 2,3%, o próprio crescimento da população também declinou de 2,4% para 1,4%. Esse dado, segundo o economista, mostra que a renda individual passou a crescer 0,9% ao ano e que o brasileiro precisaria de 87 anos para dobrar a sua renda. Dito e feito, segundo Delfim, foi isso que nos aconteceu.

De acordo com o deputado, um dos motivos da queda do crescimento econômico é o abandono do setor de exportações atrelado a manipulações nas taxas de câmbio. Dados fornecidos pelo palestrante indicam que, de 1965 em diante, o Brasil iniciou um grande esforço exportador e manteve isso até 1985, quando as exportações foram reduzidas, permanecendo até hoje. Em 1986 surgiu a primeira tentativa de estabilização monetária: o Plano Cruzado, que congelou o câmbio, e fracassou algum tempo depois. Em

1989, sob o governo de Fernando Collor de Mello, novamente se estagnou o câmbio e, pior, por duas vezes. Fernando Henrique Cardoso também encampou a conduta. Somente no ano de 1999 o câmbio foi descongelado, para depois entrar novamente na rédea curta. De 2002 a 2004, a economia mundial cresceu 18,8%, e o Brasil, 26%. Isso, para Delfim, significa que o País está se recuperando. Contudo, o deputado não deixa de alertar que “o câmbio foi manipulado de maneira irresponsável e, infelizmente, estamos repetindo o mesmo erro. Estamos de novo em um processo de valorização cambial que vai ter as mesmas consequências do passado. O Brasil está exportando 115 bilhões de dólares, enquanto a China, por exemplo, exporta 600 bilhões”, lamenta.

Por último, o economista deixou uma esperança à platéia: “O Brasil tem todas as condições para voltar a crescer. Precisamos, entre outras coisas, elevar em 3% ao ano o nível de emprego. Para isso, temos de ter 5% a 6% de crescimento também ao ano. Não há cesta básica nem bolsa-família que resolva o problema do brasileiro. Somente com emprego a situação vai se resolver. Precisamos acelerar o crescimento econômico e este só acontece quando a economia se expande”, conclui. ■





# Multi

## destaques

### O que a imprensa não conta

Conversas informais entre jornalistas, compromisso em não revelar dados fornecidos por contatos ou entrevistados (fontes), problemáticas internas de caráter funcional das redações que não chegam ao conhecimento público ou, até mesmo, desconhecimento da informação por parte da mídia fazem com que muitas notícias deixem de aparecer nos veículos de comunicação impressos, eletrônicos e digitais. É tudo *O que a imprensa não conta*, tema de palestra ministrada por Augusto Nunes, em 9 de novembro, na Universidade Paulista, *campus* Paraíso.

Augusto Nunes é um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro. Seu currículo exhibe atuações de nível diretivo em nada menos que nas revistas *Veja*, *Época* e *Forbes*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora*, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, e atualmente é colunista do *site* *No Mínimo*. Com todo esse *know-how*, não é de estranhar ter sido quatro vezes vencedor do *Prêmio Esso de Jornalismo*.

Nunes tem cátedra para encantar profissionais da área graduados há longo tempo ou estudantes e estagiários que estão iniciando seu caminho na área. Bom exemplo dessa satisfação evidenciou-se na conferência da UNIP, onde esteve presente quem ainda estava começando, quem estava no meio do curso, e quem já há muito conhece o universo da comunicação. Surpreenderam-se todos com o discurso leve e ao mesmo tempo realista e crítico do jornalista, que mostrou deslizes da imprensa, falou da

cobertura jornalística na crise política atual, delimitou os motivos pelos quais muitos boatos ou até fatos verdadeiros não viram notícia, advertiu contra os famosos “grampos” telefônicos e contra o sensacionalismo, que já prejudicou tanta gente.

Para Augusto Nunes, o melhor jornal é aquele que é produzido – mas não é publicado – nos botequins frequentados pelos jornalistas, pois ali chegam todas as fofocas e boatos: “Um colega vem e conta um caso de político corrupto, outro chega e engrossa o que estava sendo esmiuçado antes de ele chegar. Mais um entra na roda e escancara uma crise na redação de um determinado jornal. É um disse-me-disse que, por não termos como comprovar, não sai publicado”, explica.

Segundo o jornalista, o compromisso com a fonte também é uma outra razão para que muitas reportagens deixem de ser divulgadas: “Há certas notícias que podem esperar o sujeito morrer para virem à tona; outras, são as próprias fontes que guardam e só liberam as informações quando acham conveniente. Eu mesmo sei de fatos que agora não me interessam publicar, mas que um dia talvez poderão me servir”, completa.

Mas há mais pontos entre o céu e a terra que o jornalismo brasileiro não informa. Alguns deles são as supostas crises financeiras nos veículos de

comunicação, que levam a greves e demissões e que nunca ganham nota, não servem de inspiração para redação de artigos e reportagens e jamais ostentam lugar de manchetes. “Sou a favor da publicação disso tudo, mas os empresários da área acreditam que levar essas notícias ao conhecimento público é assumir que a imprensa pode estar mal de bolso. Alguns estão, outros certamente não.”

Seja por falta de dinheiro, seja por garra e empenho na averiguação do fato, muito do jornalismo investigativo caiu por terra. Assim pensa Augusto Nunes, tal qual outros jornalistas que vêm em sua atividade uma profissão de fé, que exige responsabilidade, ética e honestidade. ■

---

*“Eu mesmo sei de fatos que agora não me interessam publicar, mas que um dia talvez poderão me servir”*

---



Augusto Nunes





# Multi

## destaques

### Inovação na Gestão – um caminho sem volta



Renaldo Calderini

Ao que tudo indica, o paradigma da inovação define a sobrevivência de um negócio neste início de século. Renaldo Calderini, diretor-geral de Produtos de Engenharia da *Goodyear* para a América Latina e África do Sul, concorda com essa afirmação e a explicitou na palestra *Inovação na Gestão – um caminho sem volta*, em setembro, no *campus* Paraíso.

O executivo começou explicando os tipos de mercados existentes e suas relações com as empresas: monopolar é o primeiro e o mais antigo deles. Nele o importante é a associação da imagem do produto à marca. O segundo mercado é o bipolar e pode ser observado no confronto de marcas, tais como as de sabão em pó. O que alavanca as vendas desses produtos é a luta travada entre eles. X ou Y, qual marca lhe convence melhor da eficácia a que se propõe? O terceiro mercado é o multipolar: sua agilidade competitiva em serviços e soluções conquistará o cliente. As

marcas automotivas ilustram essa situação. Qual delas lhe trazem mais vantagens?

De acordo com Calderini, a concorrência está intimamente ligada às empresas, que podem ser classificadas como predadoras, desenvolvimentistas e revolucionárias. Predadora é a organização que não valoriza seus colaboradores e clientes, não cumpre as leis, entre outros pontos. Na empresa desenvolvimentista, é importante contentar o cliente, que é considerado uma extensão do negócio. A empresa revolucionária envolve os aspectos positivos da desenvolvimentista, mas acrescenta em sua administração empenho para o sucesso do negócio no presente misturado a uma visão de êxito a longo prazo. Respeito ao cliente, à legislação, ao meio ambiente são algumas das principais linhas de conduta. É, na verdade, uma empresa que fabrica talentos.

**Sucesso de um negócio: uma questão de visão...**

Foco do cliente *versus* foco no cliente. O que significa isso? Imagine a seguinte situação: uma empresa, distribuidora de autopeças, que emprega muito capital em propaganda, recebe uma reclamação de um cliente, alegando que um rolamento fornecido por sua empresa tem problemas. A resposta da empresa a esse cliente é que a falha não é no rolamento, mas não lhe apresenta solução. Esse é o foco no cliente. Inversamente, se a empresa trouxer uma resposta e uma solução ao ocorrido, ela estará assumindo o foco do cliente.

Se oferecer soluções aos problemas da clientela é inovação, a especialização de produtos e serviços também é uma novidade que alavanca o sucesso dos negócios. Segundo o executivo da *Goodyear*, um bom filão do mercado são os produtos chamados de *commodities*, mas precisam de especialização. Para entender melhor, o pão francês é um *commodity*, pois é produzido em larga escala, com baixo custo, tem baixa rentabilidade, mas impulsiona a venda de outros produtos. “A pizza também é uma espécie de *commodity*, mas se uma pizzeria oferecer algo diferente do que o disponibilizado pela concorrência, tornará seu produto um *commodity* especializado”, exemplifica Calderini.

**As mudanças...**

“Em time que está ganhando não se mexe” e “Devagar se vai longe” são ditados populares que parecem

não mais caber no atual mundo dos negócios. Mudam-se estratégias em times vencedores para conquistar novas vitórias; preza-se a velocidade de tomada de decisões e agilidade no trabalho para não perder tempo, algo precioso na administração. Segundo Renaldo, há algumas fases de mudanças em uma empresa: a primeira é a voluntária. Nela não há envolvimento dos ativos, mas sim pequenas inovações para melhorar o negócio. Em contrapartida, se a empresa desdenha essa primeira etapa, com o tempo percebe que os negócios não estão satisfatórios e insere novas tecnologias para produzir o mesmo produto – essa é a fase da mudança operacional. Se mesmo assim os resultados não forem positivos, trocam-se os ocupantes de cargos de chefias. Por último, se ainda assim a empresa não reagir, o proprietário muda de ramo de atuação, sem se atentar que nessa mudança radical há um período de adaptação no mercado.

Entre outras dicas e ensinamentos, Renaldo Calderini exemplificou uma nova e pioneira forma de fazer negócio: a união da *Goodyear* com a SKF, chamada de *Power Transmission Alliance* (PTA). Nessa aliança, sem sentido societário, as duas gigantes, que têm produtos complementares para sistemas de transmissão de energia, desenvolvem em conjunto soluções para o mercado industrial. O objetivo não é vender produtos, mas prestar consultoria técnica para o setor e resolver os problemas dos clientes, tal qual o faz uma empresa revolucionária. ■





# Multi

## atividades

### Alunos do curso de Engenharia participam do Desafio Fórmula SAE

Onze estudantes das mais diversas modalidades de Engenharia da Universidade Paulista, *campus* Indianópolis, participaram do Desafio Fórmula SAE Petrobras 2005, uma competição que reuniu mais de 100 atuais e futuros profissionais do automobilismo.

O Desafio, ocorrido entre os dias 14 e 16 de outubro, em Piracicaba, reuniu estudantes da Graduação e Pós-Graduação em Exatas de diversas universidades, que, sob olhares exigentes de um seletivo grupo de jurados, apresentaram seus protótipos de carros tipo Fórmula.

Os alunos da UNIP, incentivados pelo Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET), participaram pela segunda vez do evento. Em 2004 já alcançaram posição de destaque no torneio com o carro Fórmula UNIP 04 – FU04, conquistando nada menos que o terceiro lugar entre outras renomadas equipes universitárias: “A SAE – *Society of Automotive Engineers* – no ano passado incluiu o Brasil no circuito mundial de competição de Fórmula SAE, um evento automobilístico que nasceu na década de 70 nos Estados Unidos. Na participação de 2004, nossos alunos obtiveram a melhor classificação entre as escolas privadas”, explica Pedro Frugoli, membro da Diretoria do ICET-UNIP.

Para chegar à edição da competição 2005, os alunos

dedicaram noites a fio e finais de semanas a fim de testar o carro denominado de Fórmula UNIP 05 – FU05: um protótipo de veículo que tem chassi monoposto, motor 4 tempos, injeção eletrônica e um sistema de freios dianteiros e traseiros a disco, garantindo alta *performance* em aceleração, frenagem e dirigibilidade. Desenvolvido também pelos alunos de Engenharia Eletrônica da equipe, o protótipo contou, ainda, com um *software* que ajudava o piloto a controlar a velocidade e a mistura combustível/ar na alimentação do motor, por meio do *display* do painel. Segundo o regulamento da SAE, o veículo devia ser de baixo custo e

de fácil manutenção, sem deixar de garantir um elevado desempenho.

Em Piracicaba, a competição teve provas estáticas e dinâmicas, e contou com a participação de veículos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará e Brasília. No primeiro dia, aconteceu a apresentação oral dos projetos; no segundo, as provas estáticas, compostas de testes de segurança, custo e *design*; no terceiro dia, foi a vez de os alunos mostrarem seus talentos no enduro, competição individual que visa marcar o tempo que os carros utilizam para o cumprimento de um percurso de 22 voltas, cada uma delas com cerca de um quilômetro. ■



Alunos testam o Fórmula UNIP 05

Fotos: Pedro Souza

# Multi



**Editora Sol**  
diretora

Sandra Miessa

**consultoria**

Elisabete Brihy

**editoras**

Sandra Miessa e Wilma Ary

**multimídia**

Marcelo Souza

**comunicação institucional**

Marcus Vinicius Mathias

Melissa Larrabure

**chefia de redação**

Wilma Ary

multi@unip.br

**reportagem**

Carla Linhares

Roberta Abrahão

**revisão**

Heloisa Helena Martins

Maria Teresa Ribeiro

Mônica Di Giacomo

**diagramação**

Fernanda Milani

**arte e capa**

Alexandre Ponzetto

**fotolito**

Homart





# Multi

dicas

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA

## Raridades mostram a história no Museu do Automóvel

Um galpão de mil metros quadrados, com um acervo de cerca de 60 raridades que mostra a evolução do automóvel. Esse é o Museu do Automóvel de São Paulo, fundado pelo colecionador Romeu Siciliano e que reúne antiguidades desde 1860 até 1960.

Inaugurado no dia 21 de setembro de 1999, no bairro do Ipiranga, o Museu nasceu da paixão do fundador por automóveis e pela falta de espaço em abrigar a sua coleção, iniciada há 40 anos. Esse “problema” fez com que Romeu resolvesse dividir sua paixão com os apreciadores de veículos antigos.

O Museu do Automóvel oferece dois espaços, um permanente e outro com uma exposição rotativa, onde os automóveis são trocados periodicamente. Além de carros antigos, como uma diligência de 1890, há lambretas, vespas, triciclos, caminhões e carruagens.

O veículo mais antigo do acervo

é o *Le Zebre*, do ano de 1909, um conversível de fabricação francesa, com dois lugares e uma buzina manual, em forma de cobra, localizada do lado de fora do veículo. Há ainda veículos exclusivos e raros, como o *Ford Crown Victoria* 1955, o *Buick* 1926 (utilizado como carro funerário) e o *Ford T* 1924 modelo Charuto (carro de corrida).

Alguns dos veículos expostos participaram de novelas, filmes, propagandas e eventos em geral, como o *Ford* 1937, que participou do filme *As aventuras do Castelo Rá-Tim-Bum*. Há ainda automóveis que pertenceram a algumas personalidades, como o *Benç* 1911, do cardeal Arcoverde.

Quadros, *banners* de propagandas dos veículos da época, manequins com roupas típicas e bombas de combustível das décadas de 1940 e 1950 fazem parte da decoração do local, que possui também uma loja de *souvenirs*, na qual



o visitante encontra revistas, chaveiros, bonés, camisetas, entre outros itens.

**Museu do Automóvel:** Rua 1822, 1472 – Ipiranga – Tel.: (11) 6168-1900. Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h (com horário marcado). Entrada: R\$ 10,00. ■

## Triatlo é sinônimo de força e resistência

Mil e quinhentos metros de natação, 40 quilômetros de ciclismo e 10 quilômetros de corrida. Esse é o triatlo, esporte que exige resistência, aumenta o condicionamento físico e define o corpo.

O triatlo, que deriva do latim *triathlon* e significa “três combates”, por ser um esporte que não exige um alto investimento, vem ganhando mais adeptos nos últimos anos. Até as academias têm incentivado os alunos a

praticarem essa atividade em forma de circuito na piscina, bicicleta ergométrica e esteira.

A modalidade surgiu em 1974, em San Diego, nos Estados Unidos, em um clube de atletismo que passava uma planilha de treinamentos com natação e ciclismo, para que seus atletas descansassem dos treinos de atletismo. A “brincadeira” foi tão bem aceita que acabou virando esporte oficial, após

passar por diversas modificações até atingir a forma olímpica atual.

Há várias categorias e estilos de competição para o triatlo, sendo o mais forte o *Ironman*, surgido no Havaí e que consiste em 3.800 metros de natação, 180 quilômetros de ciclismo e 42 quilômetros de corrida.

No Brasil, a primeira prova do esporte, denominada *Triathlon Café* do Brasil, foi realizada no Rio de Janeiro,

em 1983. Antes disso, os atletas Marco Ripper, Carlos Dolabella e Ronaldo Borges competiram no *Ironman* do Havaí.

Atualmente, a Confederação Brasileira de *Triathlon* (CBTri) possui 19 federações filiadas, e entre os triatletas brasileiros que se destacam mundialmente estão Fernanda Keller, Alexandre Ribeiro, Carla Moreno, Mariana Ohata e Armando Barcellos. ■

